

## *A educação da princesa*

D. João Maria José Francisco Xavier de Paula Luiz Antonio Domingos Raphael de Bragança e **D. Carlota Joaquina Theresa Marcos Cayetana Coleta Francisca de Sales Raphaela Vizenta Ferrer Juana Nepomucena Fernanda Josepha Luisa Sinforosa Antonia Francisca Bibiana Maria Casilda Rita Genara y Pasquala**: como tinham juntado os seus destinos estes dois seres tão radicalmente diferentes que sempre haverão de se detestar?

Nascida em 25 de Abril de 1775, no Palácio Real de Aranjuez, em Espanha, Carlota Joaquina era a filha primogénita do herdeiro do trono espanhol e futuro Rei, Carlos IV. Cedo se revelou uma criança rebelde, caprichosa e de mau feitio. E a queda de um cavalo que lhe fracturou a anca e deformará o corpo agravarão o seu azedume. Ao completar oito anos, é prometida em casamento ao infante D. João de Portugal, segundo filho de D. Maria I e D. Pedro III, então com dezasseis anos. Era uma forma de aproximar os dois Estados, precavendo futuras ambições hegemónicas. E não se tratava de um acto isolado: em troca, uma irmã de D. João, D. Mariana Victoria, casar-se-ia com o infante espanhol D. Gabriel, irmão de Carlota Joaquina.

Para começar a tratar do enlace, em 1783 é enviado a Madrid como embaixador um nobre português, o marquês de Louriçal, para conhecer a menina e pedir a sua mão em

nome da rainha de Portugal. E em carta enviada para Lisboa em 15 de Novembro desse ano, o marquês não lhe poupa elogios. Pelo tom, percebe-se que é a primeira apreciação que faz da princesa depois de a conhecer. «*A senhora infanta é alta, muito bem feita de corpo, todas as feições são perfectas, dentes muito brancos, e, como não há muito tempo teve bexigas, ainda se não desvaneceram de todo as covas delas; é branca, corada, muito viva, atinada e tem havido muito cuidado na sua educação*»<sup>2</sup>.

Carlota Joaquina tem então oito anos, como se disse, e ainda não deve ter sofrido a queda do cavalo que lhe afectará o crescimento de uma perna, pois não há referência a qualquer deformação física. Por outro lado, diz-se que é alta, o que não deixa de ser estranho pois ficará muito baixa (1,46 m). E, quanto ao «cuidado na sua educação», terá sobretudo que ver com a parte escolar, pois a mãe, Maria Luisa, não era propriamente um modelo de virtudes.

Diz-se que em cartas particulares Lourival mostrará antipatia pela jovem Carlota, apresentando-a como birrenta, caprichosa, malcriada e devendo muito pouco à beleza. E esta descrição estará mais próxima da realidade.

A partir da promessa de casamento, a menina recebe acelerada instrução, e no ano seguinte será exposta durante quatro dias a uma série de exames para aquilatar os seus conhecimentos. Assim, em 8, 9, 11 e 14 de Junho de 1784, perante a Corte castelhana e o representante português, Carlota submete-se a exames de gramática espanhola e francesa, história de Espanha e latim. E remata as provas com bailados à inglesa e minuets. Pobre criança! Mas saiu-se lindamente. Logo no dia seguinte ao do último teste, Lourival escreve para Lisboa dando conta da passagem da infanta com distinção.

O professor responsável por este brilharete era um famoso teólogo e erudito espanhol — o padre Felipe Scío de San Miguel —, que no ano seguinte virá com ela para Portugal. Como é lógico, aquela avaliação apenas contemplava os conhecimentos adquiridos e as aptidões intelectuais, áreas

em que Carlota brilhava, não incluindo uma linha sobre a sua personalidade. Ora, aí é que residirá a explicação para a desgraça que uns anos depois se abaterá sobre Portugal.

### *Casamento e vinda para Portugal*

Completada com sucesso a avaliação da criança, é celebrado em 8 de Maio de 1785 no Palácio do Oriente, na capital espanhola, o seu casamento com o príncipe português D. João. Feito por procuração, como é uso na época, o enlace é testemunhado por representantes de ambas as Cortes numa cerimónia com estilo e pompa, encerrada com um lauto banquete.

Para esta união fora necessária uma dispensa papal, dada a consanguinidade dos nubentes: Carlota Joaquina e D. João são primos segundos, mas os casamentos em família faziam deles primos-irmãos. Carlota é sobrinha-neta de D. Mariana de Áustria, avó de D. João. A consumação do casamento não poderá, porém, fazer-se imediatamente, visto a noiva ter apenas dez anos. O marido terá de esperar com paciência que ela complete os quinze.

Logo a seguir, a menina é separada da família e enviada para Portugal. Acompanhada por uma luzida comitiva, onde se incluem o padre Felipe Scío, seu professor, D. Emília O'Dempsy, a açafata, e D. Anna Miquelina, criada particular da princesa, atravessa Castela sob um calor tórrido, e em 9 de Junho de 1785 entra em Portugal por Elvas. Tinha-se passado exactamente um mês e um dia sobre o casamento.

O cortejo segue depois para Vila Viçosa, situada a trinta quilómetros de distância, onde D. João a espera. A impressão de parte a parte não terá sido de todo favorável, pelo contrário. Com um forte sentido crítico e a irreverência própria da idade, Carlota considerará o marido muito feio, horrendo mesmo, percebendo de imediato que o seu casamento será um fiasco. E não se coíbe de o dizer aos mais próximos. Quanto a D. João, um matulão com dezoito anos, também não pode

ter achado muita graça à criança enfezada, de cara torta e de poucos amigos que lhe ofereciam como esposa.

O certo é que Portugal enviara para Espanha a bem proporcionada princesa Mariana Victoria, para casar com o infante espanhol D. Gabriel, e recebera em troca a enfezada Carlota Joaquina. Não fora um grande negócio... «**Mandámos uma pescada e deram-nos, em troca, uma sardinha!**» — comentava jocosamente o povo.<sup>3</sup>

\*

O casamento presencial realiza-se logo a seguir — mas a partir deste primeiro encontro em Vila Viçosa a relação fica condenada. E o resto da infância e a adolescência da princesa em Lisboa, marcadas por um quotidiano triste num ambiente doentio, ajudarão a explicar a sua personalidade. O sentimento de orfandade provocado pelo afastamento dos pais e dos irmãos, e o complexo de superioridade pelo facto de ser filha do futuro Rei de Espanha, que continuava a alimentar a ideia de anexar Portugal, terão potenciado o melhor e o pior que havia em Carlota Joaquina: a capacidade de resistência e sofrimento, mas também a arrogância, a falsidade, a ambição desmedida, a falta de escrúpulos.

Em Setembro de 1785, três meses depois de chegar a Portugal, a menina repete as provas feitas em Espanha perante a Corte portuguesa, mas agora com outras disciplinas: história do Antigo e do Novo Testamento, geografia, cosmografia, francês e latim. E ultrapassa tudo «*com notável desembaraço*»<sup>4</sup>.

O seu domínio do latim chegará a ser excelente, a ponto de traduzir a Bíblia do latim para o castelhano.

Em Outubro do mesmo ano, a *Gazeta de Lisboa*, jornal oficial do reino, publicará assim o resultado daqueles testes:

*«Tudo satisfaz tão completamente que não se pode expressar a admiração que deve causar uma instrução tão vasta em uma idade tão tenra: mas [...] o decidido talento com que Deus dotou esta sereníssima senhora, a sua prodigiosa*

*memória, compreensão e desembaraço, mostrarão que tudo é possível, principalmente com o desvelo e capacidade com que o sobredito mestre lhe promove tão úteis e gloriosas aplicações.»<sup>5</sup>*

### *Uma menina desobediente e sem vergonha*

Aos onze anos, Carlota Joaquina será vítima, em Lisboa, de um ataque de piolhos que a obrigará a tratamentos severos e a rapar o cabelo. E aí mostrará a sua forte personalidade. Reagirá a tudo como se se tratasse de uma pessoa adulta. O facto será comentado por D. João em carta à irmã Mariana Victoria: «*Não posso explicar os piolhos que [Carlota] tem. Parece praga. [...] Mas tem padecido tudo com muito propósito, como se fosse uma mulher de trinta anos*».<sup>6</sup> Noutra carta à irmã, porém, D. João já criticará asperamente a mulher, dizendo que ela não tem «*vergonha alguma*»<sup>7</sup>.

E esse é um grave problema, que nunca se resolverá. Carlota Joaquina jamais terá vergonha, nem como criança nem como mulher.

Além disso, é senhora do seu nariz, teimosa e terrivelmente desobediente. Recusa-se a vestir a roupa que lhe destinam. Mostra-se mal-educada e preguiçosa. A aia D. Anna Miquelina confirma todos estes defeitos. Queixa-se de que Carlota não faz o que lhe dizem, levanta-se tarde e leva «*eternidades para se vestir*», faz birras por causa das roupas ou dos sapatos e porta-se mal à mesa, «*pegando na comida com as mãos*» ou atirando-a «*à cara do infante [o marido] ou aos criados*». E o padre Felipe, o professor espanhol, desespera perante os seus obstinados silêncios: ela chegava a estar «*duas ou três horas sem dizer uma palavra*».<sup>8</sup>

Como se se vingasse da partida que lhe tinham pregado ao mandarem-na para Portugal e destinarem-lhe aquele marido, Carlota Joaquina parecia caprichar no mau comportamento.

D. Mariana Victoria de Bourbon, viúva do rei D. José e tia-avó paterna de Carlota, dá outra explicação para a rebeldia

da jovem. Diz que, habituada à extravagância e ao fausto da Corte espanhola, a atitude de Carlota Joaquina era uma reacção ao ambiente de «tédio», bastante religioso e austero, da Corte portuguesa. E aí tinha razão. A Corte morava na Ajuda, num palácio de madeira conhecido como *Real Barraca*, construído após o Terramoto de 1755, que destruíra o Paço da Ribeira. O marquês de Bombelles, embaixador de França em Lisboa, defini-lo-á como «*um casebre de modo algum adequado para a dignidade do trono de Portugal*». <sup>9</sup> Mas não tendo a grandiosidade de um palácio de pedra, a morada da Corte estava longe de ser um casebre ou um barracão: tinha grandes dimensões, fachadas trabalhadas e estava bem mobilada.

A vida ali era, porém, uma horrível sensaboria. Rodeada de adultos, Carlota Joaquina não tinha meninos com quem brincar. O marido, D. João, era um homem ensimesmado, beato, que detestava as diversões e não parava muito em casa. «Preferia andar pelo campo em contacto com a gente rude, com a qual beatamente se entendia, ou ir para o coro do convento de Mafra, entoar canto chão com os frades». <sup>10</sup> O seu irmão, o príncipe D. José, herdeiro da coroa, também era metido consigo, prezando o silêncio e o recolhimento. Basta isto para se perceber que o ambiente na Ajuda não podia ser muito divertido.

A rainha D. Maria I ainda era a única pessoa que olhava Carlota Joaquina com carinho, vendo-a como uma neta, tendo paciência para ela e conseguindo domesticá-la. A vivacidade da criança até a descontraía. Tendo sofrido um desgosto com a ida da filha Mariana Victoria para Espanha, na troca de princesas que trouxera Carlota para Portugal, a rainha via nesta um lenitivo para aquela perda. Em carta para Espanha, D. Maria diz que ama Carlota como ela merece, «*pois me mostra o maior carinho*» <sup>11</sup>. Passeiam juntas, D. Maria a cavalo e a princesa montada num burro. Leva-a à ópera, onde ela não deixa de mostrar o seu temperamento. O escritor Beckford vê as duas num espectáculo em fins de Novembro de 1787 e regista: «*Sua Majestade também assistia, com a pequena infanta Carlota, sempre traquina e irrequieta*». <sup>12</sup>

E a ligação ainda se irá tornar mais forte após a sucessão de tragédias que desabará sobre a rainha. Um ano depois de a menina chegar à Corte portuguesa, D. Maria I perde o marido, D. Pedro, que era o seu grande pilar quer no equilíbrio afectivo quer no próprio exercício da governação. E dois anos depois desta morte, em 1788, morre inesperadamente de tifo o seu filho primogénito, D. José; e a este seguir-se-á a filha Mariana Victoria, de parto; e depois um neto; e ainda o genro adorado, Gabriel de Bourbon.

E se a saúde mental de D. Maria já parecia abalada, esta terrível sequência de mortes deitá-la-á definitivamente abaixo, começando a dar sinais de demência.

Sobre a *Real Barraca*, onde o ambiente já não era leve, cai um luto pesado. Nada voltará a ser como dantes.

### *À espera da primeira noite*

D. João não podia deixar de ver a mulher como uma criança. Quando chega aos vinte e um anos, e é já um homem feito, Carlota ainda tem treze. Em carta à irmã Mariana, com a qual continua a manter correspondência, diz que gosta de Carlota do mesmo modo que gosta dela. É uma amizade casta, fraternal. «*Ela [Carlota Joaquina] é muito esperta e tem muito juízo, só o que tem é ser ainda muito pequena e eu gosto muito dela, mas por isso não te deixo de ter amor igual*». <sup>13</sup> Ou seja, pelo facto de gostar da mulher não tinha deixado de amar a irmã.

Mas passará o tempo — e esta correspondência acabará por desviar-se para outro tema. Sem pudor, Mariana contar-lhe-á as intimidades com o marido, e D. João responderá no mesmo tom: «*É bom o que dizes na tua carta acerca do teu marido, que ele gosta muito de ti, que tu sentes o mesmo em relação a ele e que tens dormido pouco. Eu também gostaria de tomar posse da minha mulher. Ela é muito pequena, mas chegará o dia em que lhe possa fazer o que teu marido te faz a ti*». <sup>14</sup>

O príncipe insistia nesta tecla: «*Cá há-de chegar o tempo em que eu hei-de brincar muito com a infanta*». Só que esta afirmação tinha um «mas»: «*Se for por este andar julgo que nem daqui a seis anos. Pouco mais crescida está do que quando veio*».<sup>15</sup>

Carlota mostrava dificuldades de crescimento, permanecendo uma criança raquítica, o que inquietava o marido. D. João parecia «*aborrecido por se ter resignado a casar com esta princesa enfezada, com esta pequena macaco-aranha*» — observava por volta de 1788, com malícia, o embaixador francês em Lisboa, marquês de Bombelles.<sup>16</sup> E, chamando «*anã*» a Carlota Joaquina<sup>17</sup>, não augurava grande futuro a este enlace, fazendo sobre ele observações assassinas: «*Diz-se que é necessário ter fé, esperança e caridade para que esse casamento ridículo seja consumado... Fé para acreditar que a infanta é uma mulher, esperança para acreditar que ela pode ter filhos e caridade cristã para que ele resolva tê-los*»<sup>18</sup>.

E o embaixador inglês, Walpole, ia mais longe, referindo a «*grande improbabilidade de Carlota Joaquina ter filhos*», mencionando a «*aversão que o príncipe seu marido tem em relação a ela*»<sup>19</sup>. Aqui enganava-se, como sabemos, pois, mesmo com aversão à embirante criança, D. João esperava com ansiedade o dia de se deitarem na mesma cama.

A princesa não crescerá muito mais: se aos oito anos era considerada alta para a idade, em adulta não passará de 1,46 m. Mas aquele dia acabará por chegar, antes mesmo de a menina completar quinze anos.

## *Finalmente juntos*

D. Carlota Joaquina tem a primeira menstruação logo no princípio de 1790, ainda com catorze anos de idade, e a rainha D. Maria apressa-se a escrever à mãe dela, Maria Luisa de Espanha, a dar a boa notícia: «*A nossa querida Carlota atingiu o estado de mulher [...]. Mesmo antes disto, tinha a intenção de os deixar estar juntos, mesmo que por*

*muito pouco tempo, já que ela estava muito bem informada sobre tudo e João tinha tanto desejo de relações conjugais».*<sup>20</sup>

Tal como revelara à irmã o seu apetite sexual, D. João também não o escondia à mãe. Pese o seu aspecto quase eunuco — gordo, balofo e com pouca barba —, pressente-se nele uma certa tara sexual. A rainha tinha planeado deixar os jovens deitarem-se juntos quando ela fizesse quinze anos, ou seja, em 25 de Abril daquele ano de 1790, mas decidirá antecipar a data em virtude da pressão do filho. A consumação do casamento terá lugar em 5 de Abril, vinte dias antes do previsto. Nessa noite, a menina é levada ao quarto de D. João pela rainha e suas irmãs, que vivem com ela no Palácio da Ajuda. Será depois despida e acomodada na cama, onde esperará pela chegada do marido. Antes de deixar o quarto, D. Maria ajoelha-se e roga a Deus pelo sucesso da união.

Ia assim concretizar-se o acasalamento de dois seres que a Europa inteira virá a considerar o «*casal mais horrendo do continente*». Ele era um príncipe barrigudo de olhos esbugalhados, ela uma menina ossuda, obstinada, inteligente e ardilosa.

Dir-se-á depois que, nesta primeira noite juntos, Carlota mordeu a orelha do marido. E haverá até quem garanta que lhe bateu na cara com um castiçal. O que se terá passado para circularem estes rumores? Verdadeiros ou falsos, eles revelavam uma realidade: existia a ideia de que aqueles dois seres se odiavam.

\*

Na manhã que se seguiu à noite de núpcias, D. Maria apressar-se-á a informar a comadre Maria Luisa sobre os últimos acontecimentos; em carta para Espanha, diz que os dois «*passaram a noite juntos e estão muito felizes*»<sup>21</sup>.

O interesse da rainha portuguesa no sucesso deste casamento justificava-se não só por razões políticas mas também porque o príncipe D. João, depois da morte do irmão, era agora o herdeiro do trono — e a menina era o encanto de D. Maria.

Mas o primeiro filho do casal não virá logo. Será preciso esperar três anos, até 29 de Abril de 1793, para a princesa, prestes a completar dezoito anos, dar à luz uma menina.

No ano seguinte, porém, em 11 de Novembro, todos apanharão um grande susto: a frágil construção em que habitam, a *Real Barraca*, sofre um violento incêndio que a destrói quase por completo, com o seu luxuoso recheio, tendo de se mudar todos para outro local. Por sorte, tinha-se acabado de construir a doze quilómetros de Lisboa, em Queluz, um palácio airoso, em estilo rococó, onde a Corte se instala.

Na Ajuda, vivera o jovem casal durante nove anos, embora nos primeiros cinco sem consumarem relações. O príncipe e a mulher suportam-se, mas cada um faz a sua vida. D. João adapta-se às circunstâncias, como sempre fará, e esgueira-se para onde se sente mais à vontade. Gosta de se misturar com gente simples e é muito beato, como ficou escrito. Dizem que é viciado em rapé e... galinha assada.

### *A primeira facada de D. Carlota*

Nesta altura, já é D. João quem ocupa o trono, tendo assumido a regência em nome da mãe. Em 10 de Janeiro de 1792, a *Gazeta de Lisboa* publica uma intrigante notícia: a soberana adoecera mas, com adequado tratamento, «*não se tinha exacerbado a enfermidade*»<sup>22</sup>. Era uma preparação para o que estava para vir. Exactamente um mês depois, em 10 de Fevereiro, um ofício informava que a rainha fora declarada incapaz e interdita de reinar.

Uma junta de treze médicos respondera a quatro perguntas, e a conclusão não dava lugar a dúvidas: «*A enfermidade mental da rainha D. Maria é inteiramente incurável*».<sup>23</sup>

Na sua vida assistira a demasiadas tragédias. Com vinte e um anos, em 1755, viu reduzido a cinzas o palácio que habitava com a família — o Paço da Ribeira; quatro anos depois, em 13 de Janeiro de 1759, assistiu ao massacre dos Távoras: ouviu as súplicas, os gritos dos supliciados, viu

quebrarem-lhes os ossos antes de lhes deitarem fogo, e sentiu o cheiro a carne queimada dos corpos a arder; em 1786 foi a morte do marido, D. Pedro, o seu principal amparo, a quem chamava «*o meu tio do meu coração*» e «*o meu amado tio e marido*». <sup>24</sup> Em 1788, como dissemos, morreu a sua filha D. Mariana Victoria, e depois o neto recém-nascido, e o genro D. Gabriel; e como se isto não bastasse, faleceu no mesmo ano o seu confessor, frei Inácio de São Caetano. No ano seguinte, ouviu as terríveis descrições que chegavam da Revolução Francesa, que a levaram a proibir a *Gazeta de Lisboa* de publicar as notícias vindas de Paris. Que ser humano resistiria mentalmente a uma sequência de acontecimentos tão devastadora?

D. Maria viverá sempre atormentada. Nunca se libertará do horror da execução dos Távoras — os gritos aflitivos, os ossos partidos em vida, as chamas a consumir os corpos retorcidos. O futuro confessor incitá-la-á a absolver os condenados para a eternidade, e ela «*acreditava que a alma do pai estaria a sofrer danação eterna. Se não reparasse o mal, ela também arderia nas chamas do inferno*». <sup>25</sup> Mas ao mesmo tempo receava que, ao contrariar uma decisão que o pai aprovara, estivesse a trair a sua memória e a quebrar a obediência que lhe devia.

\*

Não havendo grandes dúvidas sobre a incapacidade de D. Maria I, todo o processo do seu impedimento decorrera de forma irregular. À face da lei, o afastamento da rainha deveria ser aprovado pelas Cortes. Mas para não arrastar a situação ou por outro motivo qualquer, reunira-se como vimos uma junta de médicos que dera a soberana como incapaz para exercer o cargo — e D. João fora catapultado para a regência sem as Cortes se reunirem.

Não assumia o príncipe, contudo, oficialmente a função, o que só acontecerá em 1799. Não podia dizer-se, pois, que usurpara o trono. Mas curiosamente uma voz se levantara

contra o modo como todo o processo decorrera — e de quem menos se esperava. Apesar de ter apenas dezasseis anos, Carlota Joaquina ousara desafiar as instituições. Mostrando o amor que tinha pela rainha — a única pessoa de quem realmente gostava na Corte —, lamentara o facto de a terem interdito; e revelando o desprezo que tinha pelo marido, indignara-se com a entrega do poder a D. João, que não achava com capacidade para assumir a regência do reino. Se consideravam que a rainha já não estava em condições de o fazer, tão-pouco o marido tinha aptidões para desempenhar a função. E a verdade é que esta argumentação, apesar de perversa, tinha algum fundamento.

É a primeira de muitas facadas que Carlota Joaquina dará nas costas do homem com quem casara.

A princesa fará mesmo acusações graves, dizendo que os cortesãos que rodeavam D. João tinham subornado o confessor da rainha para este a enlouquecer. Numa carta escrita mais tarde, já a frio, deixará claríssima a sua opinião sobre o caso:

*«Ofereceram ao frade que a confessava grandes vantagens, para que procurasse transtornar a cabeça da rainha com escrúpulos de consciência, contos e visões. O confessor desempenhou tão bem a sua missão que, em pouco tempo, pôs a rainha demente. [...] Desde então começaram as desgraças de Portugal, porque, entregue o príncipe sempre a seus favoritos e áulicos, não tem feito mais que engrandecer a estes, com danos do reino e descontentamento geral».*<sup>26</sup>

## O ambiente em Queluz

Mas se a rainha era demente e o filho D. João um incapaz, Carlota Joaquina dava sinais de uma peculiaridade que roçava a extravagância.

Uns meses depois da mudança da família real para Queluz, em 1795, o escritor inglês William Beckford — de viagem a Portugal e instalado na Quinta do Ramalhão, propriedade de

uns amigos próxima do Paço Real — faz uma visita à Corte e descreverá o estranho ambiente que ali se vive. Encontra D. Carlota Joaquina no cenário romântico do jardim, rodeada de jovens espanholas «*escassamente vestidas*»<sup>27</sup>. Quais ninfas, as raparigas escondem-se e reaparecem provocantemente, desafiando o escritor. Beckford era nesta altura um homem bem-parecido de trinta e cinco anos, e não escapou àquela vertigem sedutora. Depois, a princesa levou-o para um local recatado, sentando-se «à maneira oriental», ou seja, de pernas cruzadas debaixo das nádegas, sendo ambos rodeados por trinta ou quarenta raparigas. E neste ponto do relato o escritor deixa uma nota impiedosa sobre o aspecto da anfitriã, dizendo que as jovens espanholas eram «*muito superiores à sua augusta senhora em graça de feições e fascínio de sorriso*»<sup>28</sup>.

Também não seria preciso muito...

Finalmente, Carlota Joaquina dirá ao ilustre convidado para fazer uma corrida com as aias e para dançar um bolero com uma criada andaluza.

\*

Não se pense que foi um episódio passageiro, fruto de uma qualquer excitação momentânea. Nada disso. Dez anos depois, Carlota Joaquina continuará a ser a mesma pessoa, com os mesmos hábitos excêntricos.

Em 1805, Laura Junot, de seu nome Laure de St.-Martin Permon, mulher do então representante pessoal de Napoleão junto da Corte portuguesa, Jean-Andoche Junot, visitará Queluz para ser apresentada à princesa. E na recordação da visita será directa e mordaz. Não poupará nas palavras, nem para proteger Carlota Joaquina nem a dignidade do local. Escreverá que «*não existe residência real mais escondida do que Queluz*»<sup>29</sup>, dizendo que foi transportada «*por corredores sujos e malcheirosos*» e encontrou a princesa «*sentada no chão e rodeada de uma dúzia de jovens vestidas de vermelho*»<sup>30</sup>. Enfim, um quadro semelhante ao pintado por Beckford...